

FREI BERNARDINO V. LIMA

# O CRISTO DOS OPRIMIDOS

---

POR UMA PEDAGOGIA  
CRISTÃ  
DO PECADOR



FREI BERNARDINO V. LIMA

# O CRISTO DOS OPRIMIDOS

POR UMA PEDAGOGIA  
CRISTÃ  
DO PECADOR



PEDRO CARDOSO  
LIVRARIA

#### FICHA TÉCNICA:

Edição: LPC - Livraria Pedro Cardoso  
Sede Fazenda Praia, Cabo Verde  
Telefone: (+238) 260 15 07 / 08 / 09  
livrariapedrocardoso@gmail.com

Título: *O CRISTO DOS OPRIMIDOS*  
*Por uma pedagogia cristã do pecador*

Autor: Frei Bernardino V. Lima

Capa e paginação: Inês Ramos [inesramos.designer@gmail.com]

Foto da capa: Sé Catedral da Cidade Velha © Ji-Elle / Wikimedia Commons

© do autor. Direitos desta edição reservados à Livraria Pedro Cardoso  
1.<sup>a</sup> edição: Julho de 2024

Impressão e acabamento: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN: 978-989-9186-18-7  
Depósito Legal: 534658/24  
Tiragem: 500 exemplares

---

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

# O CRISTO DOS OPRIMIDOS

POR UMA PEDAGOGIA  
CRISTÃ  
DO PECADOR





## Dedicatória

*Aos gritos dos inocentes da face da Terra  
Sufocados pela megalomania  
Dos detentores do poder político, religioso e económico,  
E que se sintam acolhidos nos braços  
Do Cristo dos Oprimidos!*



## Introdução

O despertar da consciência humana e espiritual, às vezes, acontece numa fração de segundo. Isso não será apenas uma intuição racional, mas, também, uma inspiração produzida pela graça divina. Quase por um instinto natural ou, se calhar, impelido pelo Espírito Divino, como se merecesse esse golpe de fortuna, saí do quarto do Convento dos Irmãos Capuchinhos de Luanda, Angola, e deparei-me com alguns confrades da Conferência Capuchinha da África Ocidental (CONCAO) a receber pelas mãos do procurador daquela Circunscrição Religiosa uns lindos crucifixos negros esculpidos num pedaço de madeira. Ao ver esses encantados objetos, ficou impressa na minha massa cinzenta esta expressão: “Oh! Meu Cristo Negro!”! O procurador do então Vice-Província Capuchinha de Angola teve a gentileza de me oferecer um desses preciosos e sagrados objetos. Confesso-vos que sempre sentia imensa vontade em ter um presente lindo como esse proveniente da Mãe África. Afeiçoei-me a ele de tal modo que acabei por sentir vozes uníssonas por todos os lados que me diziam: fala com o teu Cristo por nós!

Acabei por me convencer dessa dolorosa exigência de um povo africano de que também faço parte, que foi colonizado, escravizado, oprimido e violentado por longos séculos. Na verdade, o Cristo por quem me apaixono e no qual acredito e confio, sempre se identificou e continua a identificar-se com os oprimidos de todas as épocas, culturas e raças em todas as civilizações e sociedades étnicas. A opressão mais feroz da humanidade equivale à perda do sentido do amor eterno de Deus que se resume no conceito do “pecado”, enquanto produto do livre-arbítrio de cada ser humano, opressor e oprimido, que vive à face da terra. De facto, ninguém está livre desse fardo tenebroso se não encontrar pessoalmente com o libertador da opressão e salvador da sua vida.

Somente quem se sente amado e ama de verdade e na verdade poderá encontrar o “Ungido de Deus” que o ajuda a arrancar o seu “eu” para fora do seu isolamento e opressão (cf. PP. FRANCISCO, *Lumen Fidei*, n. 27).

A expressão “*Meu Cristo Negro*” transforma-se num título universal e livre de quaisquer preconceitos sociais e raciais: “O CRISTO DOS OPRIMIDOS”. Então, tudo o que se quer refletir neste tratado pressupõe, essencialmente, “*uma pedagogia cristã da condição de um ser pecador*” presente em cada pessoa que vive neste planeta. A dimensão do pecador faz parte da nossa humana existência e terrena. Libertar-se do pecado implica assumir com humildade a própria fragilidade existencial e deixar a graça divina fazer o seu trabalho de purificação, redenção e santificação. Por mais santa, justa e pura de coração que uma pessoa seja, ninguém pode justificar-se diante de Deus. Somente a misericórdia divina tem o poder de justificar, perdoar e qualificar o ser humano. É por essa razão que nenhum cristão que professa a fé católica pode encontrar obstáculo, no momento em que, com o coração sincero e arrependido, deseja encontrar a misericórdia de Deus no ato penitencial. Ele sabe que Deus Pai pisou, deitou-se no fundo do abismo e carregou às costas todos os seus pecados (cf. PP. FRANCISCO, *Misericordia et Misera*, n. 4). E o que deve prevalecer acima dos nossos pecados é a graça da misericórdia divina.

Talvez seja um atrevimento da minha parte incomodar o Filho de Deus feito Homem, atribuindo-lhe algo carregado de preconceitos sociais e discriminação da classe e raça humana. Refletindo bem neste assunto, penso que a essência da opressão que envolve o povo negro da Mãe África foi mesmo essa visão tenebrosa de uma cultura carregada de sentimentos de superioridade ou de inferioridade que impede de compreender a diferença e a diversidade como substâncias complementares da riqueza humana, na sua globalidade e integridade. É a partir de um mundo tenebroso e oprimido que o Filho de Deus fez e faz surgir novas criaturas. Sim! Foi das trevas da opressão que o Senhor Deus libertou toda as suas criaturas. Citando o profeta Isaías, o evangelista Mateus tinha afirmado: “*O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz; aos que jaziam na sombria região da morte surgiu uma luz*”

(Mt 4,17). Aí está a essência de um ser que não teve medo de entrar nas trevas para libertar o seu povo da obscuridade da opressão, da indiferença e da ignorância. O Cristo dos Oprimidos identificou-se com todos os que se encontravam na mansão da periferia de uma religião legal, de uma política colonialista e escravocrata para os fazer um povo livre, justo e universal que não se enquadra no tangencial da cultura humana fabricada pelos homens do poder político, social e religioso. Deus acendeu nos corações humanos uma Luz, Jesus Cristo, que jamais se apagará. No dizer do Papa Francisco, “para que uma luz seja tão poderosa, não pode dimanar de nós mesmos; tem de vir de uma fonte mais originária, deve provir, em última análise, de Deus” (PP. FRANCISCO, *Lumen Fidei*, n. 4).

A compreensão do ser humano, seja ele cristão, religioso, clero ou político, depende da maneira como se fala livremente da verdade e da liberdade com o Cristo dos Oprimidos, o qual continua a fascinar e a incomodar muita gente, dia após dia. Estou consciente de que o título deste trabalho para alguns será uma curiosidade, para outros, uma distorção e para outros, ainda, apenas uma indiferença. A compreensão e a interpretação da realidade dependem do posicionamento de cada um na Igreja, na sociedade, na política e na família. Entretanto, sempre aprendi na Divina Escritura que “*a pedra que os construtores rejeitaram, esta mesma tornou-se a pedra angular*” (1Ped 2,7). Sei que a designação do título “O Cristo dos Oprimidos” acabará por transtornar a sensibilidade e a religiosidade de alguns e libertará o espírito de muitos que são chamados a construir o Reino de Deus na terra, onde jaz a parte da humanidade mais desintegrada e marginalizada por falta de justiça, de paz e de integridade da criação.

O dilema que afeta qualquer ser pensante consiste na obtenção de uma mente estruturada e tendenciosamente propensa a fechar o mundo, e as suas criaturas, a partir daquilo que é já conhecido e concebido. O maior pecado que nos atropela está no “não” sabermos admitir uma margem de erro no que tange ao nosso conhecimento, às nossas ações e atitudes comportamentais. O Papa Francisco, citando os Padres da Igreja, ensina-nos que “São Tomás de Aquino sublinhava que os preceitos dados por Cristo e

pelos Apóstolos ao povo de Deus «são pouquíssimos». Citando Santo Agostinho, observava que os preceitos adicionados posteriormente pela Igreja se devem exigir com moderação, «para não tornar pesada a vida aos fiéis» nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando «a misericórdia de Deus quis que fosse livre». Esta advertência, feita há vários séculos, tem uma atualidade tremenda” (PP. FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 43). Então, gostaria de ser franco, sóbrio e sincero com todos os que terão oportunidade de ler este trabalho.

Antes de tudo, a imagem da Catedral em ruína, expressão de um Cristo Oprimido, que se encontra na capa do livro é um manancial de sentimentos que me incomoda profundamente. Quem não se sentiria realmente incomodado com essa condição de um Cristo destroçado que revela o sofrimento de muitos escravos e oprimidos da nossa história? Esquecê-lo por um momento é fácil! Não! Na realidade existencial da minha vida, é Ele que se sente incomodado por esse servo ingrato, imbecil e desavergonhado que está sempre à sua frente e ao seu serviço. Ainda assim, Ele serve-se dos estrumes da nossa vivência para cultivar o seu reino de amor, justiça e Paz.

Ele jamais se esquecerá do seu filho, irmão e amigo que passa por momentos difíceis e tenebrosos. Quem se atreve a estar diante do Senhor oprimido e crucificado? Somente quem se sente despeçado no seu interior, batendo no peito pedindo perdão dos seus pecados: roubo, assassinio, adultério, violência, fraude, ódio, murmurações, desobediência, infidelidade, corrupção, exploração. O Cristo dos Oprimidos veio ao encontro da nossa humanidade, por causa desse mundo tenebroso para a libertar, purificar e salvar de todas as espécies de preconceitos, estigmas e rótulos. Como é belo e salutar sentir a sua voz inefável quando nos ensina com gosto e sabor das palavras como estas: «*Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*» (Mc 2,17). Infelizmente, quantos irmãos da mesma fé, homens e mulheres, são descartados, expulsos e deportados pelos homens da Igreja detentores da verdade? O Cristo dos Oprimidos significa, antes de tudo, um Deus próximo que não olha para as aparências humanas, raça,

religião, cultura, bem-estar, privilégio de ninguém, mas vê com amor e ternura o coração ferido, magoado e despedaçado de cada ser humano e, sobretudo, dos seus humildes servos que trabalham na construção do reino de paz, amor e justiça para com os mais desprotegidos da sociedade opulenta e violenta. Somente quem sofre e padece conseguirá estar um pouco consigo mesmo e com Deus. No profundo do sofrimento tocamos a essência do nosso ser humano e a grandeza da bondade e misericórdia de Deus. Portanto, o sofrimento, de qualquer natureza que seja, será uma grande oportunidade para que o ser humano possa estar um pouco consigo mesmo e com Deus.

Ah! É fácil demais parar diante de um pedaço de madeira ou de um objeto sagrado qualquer, para desbobinar os mais nefastos sentimentos, paixões, imaginações e ações abomináveis! Às vezes, a idolatria das nossas imaginações equivale a simples auto-compensação. Quanto é difícil parar diante de um Cristo sujo, fétido e nojento que entra no quintal das nossas casas, está sentado nas encruzilhadas das ruas, sentado à porta da Igreja, das lojas, na esquina de uma repartição bancária ou de outras empresas públicas de mão estendida à espera de um tostão, de um pedaço de pão ou qualquer outra coisa para satisfazer o seu estômago faminto e o dos seus filhos e netos. Quantas mãos do Cristo pequenino estendidas à espera de um apoio para melhorarem a sua condição de estudo, a sua habitação desajeitada, a sua saúde precária? Infelizmente, para não fazer um ato de amor temos mil justificações.

Todos os dias deparamo-nos com o Cristo dos Oprimidos fingindo não conhecê-lo. Imaginem! Nem o Cristo sujo e nojento tem oportunidade de se sentar à mesa connosco para tomar uma refeição diária. Na verdade, quem tem medo do nojo é realmente um nojento! É mais cómodo dar-lhe uma chávena de café e um pedaço de pão de porta para fora do que fazê-lo sentar-se à mesa da nossa sala de jantar. Muitas vezes, o faminto tem mais fome de uma palavra do que um pedaço de pão. Entretanto, chamamos isso de amor e caridade para com o Cristo dos Oprimidos. Por outro lado, chega à nossa casa pessoa amiga, distinta e prestigiada e tem um assento à cabeça da nossa mesa. A hipocrisia é a coisa mais salutar que encobre a nossa miséria humana, cristã e reli-

giosa. A verdade é esta: todos temos o medo e o pavor de sermos contaminados pela miséria alheia! Em quantas residências luxuosas e discretas dos cristãos, clero, religiosos e políticos o Cristo dos Oprimidos consegue entrar para ser ouvido o desabafo dos seus problemas pessoais, familiares e sociais? Essa questão continua a ser um desafio para revermos a nossa forma de evangelizar, pregar, rezar, celebrar e praticar caridade nos dias de hoje. Infelizmente, a coerência e a congruência no nosso estilo de pensar e agir são dois vocábulos carentes no nosso apostolado e repertório litúrgico ou celebrativo.

Além disso, muitas vezes deixamos as mãos estendidas dos pobres que nos pedem esmola, continuando a carregar os nossos telemóveis para falarmos, muitas vezes ouvindo apenas asneiras e fofocas de amigos, amigas e parentes. Como está difícil pararmos um pouco para escutar esse Cristo dos Oprimidos, sem jeito e incômodo, nas encruzilhadas da nossa vida! As instituições sociais, familiares, religiosas e eclesiais estão sendo marcadas pela pressa, pelo comodismo e pela indiferença, e ninguém quer saber de nada e dos outros. Há um número insignificante dos agentes dispostos a serem incomodados, perturbados e desafiados pela miséria dos pobres e oprimidos. Antes, ninguém quer ouvir a voz do Cristo dos Oprimidos que grita no seu silêncio sepulcral da dor, do sofrimento e da miséria! No entanto, a celebração do mistério da nossa redenção, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo está cheia de coreografias, músicas, aclamações e piedade. A celebração que dignifica a nossa crença é o calvário dos pobres e marginais que se identificam com Cristo dos Oprimidos e sofredor e não as nossas carantonhas e gestos carregados de hipocrisia. Se calhar, hoje devemos chorar um pouco mais e cantar menos!

Há uma voz dentro de mim que me impede de falar desse modo! Ninguém incomoda ninguém! Neste mundo, todos nos sentimos incomodados e incomodamo-nos uns aos outros. Talvez seja a forma como o Cristo dos Oprimidos pensa e me procura consolar e aliviar a dor do coração. Deus queira que essa partilha não seja apenas mais um livro a ser colocado nas estantes da nossa casa, mas uma verdadeira confissão da alma humana e oprimida que espera a misericórdia e a consolação. Não será tarefa fácil

identificarmo-nos com a miséria dos oprimidos que circulam debaixo dos nossos olhares. O grande pecado dos agentes da pastoral é o facto de querermos ser diferentes dos outros, quando, na realidade, trouxemos em nós um pouco de pecados de toda gente de cultura, raça e religião diferentes. O pecado que mais nos aflige é não querermos aceitar o nosso ser pecador como os outros e de não nos identificarmos com os que pecam. O pecado da humanidade é o nosso pecado. O pecado do irmão ou da irmã é nosso pecado. O nosso pecado é o pecado do irmão e da irmã que conosco vivem diariamente. O problema do ser humano não é pecar, mas o de não voltar a pecar. Aquilo que parece horrível aos nossos olhos, Cristo o tornou instrumento de amor. Aqui está o ponto nevrálgico da situação humana. Não somos iguais a ninguém, nem tão pouco diferentes dos outros. Somos apenas uns como tantos outros com os seus prestígios e defeitos. Nesse percurso da existência, todos já cometemos a infração contra os dez mandamentos. O fruto proibido foi comido por todos, santos e pecadores, justos e injustos, bons e maus. Portanto, o Papa Francisco alerta-nos que todos “Somos chamados a fazer crescer uma *cultura de misericórdia*, com base na redescoberta do encontro com os outros: uma cultura na qual ninguém olhe para o outro com indiferença, nem vire a cara quando vê o sofrimento dos irmãos” (cf. PP. FRANCISCO, *Misericordia et Misera*, n. 20).

Que Deus nos guarde longe da ambição natural e da presunção sobrenatural! Simplesmente, gostaria que o Cristo dos Oprimidos fosse uma confissão sincera da nossa humanidade presente na humanidade de todos os nossos irmãos e irmãs. Sei que é fácil comer-mos mais um pecado camuflando o nosso problema com os problemas dos outros, os nossos pecados com os pecados dos outros. Cristo conhece-nos e sabe que somos espertalhões nessa matéria de camuflagem e mascaramento. Ah! Que hipocrisia... Se conseguíssemos tirar a máscara da nossa face, por um minuto, o mundo brilharia de luz como nunca se viu, senão naquele primeiro Natal do Filho de Deus na gruta de Belém. Quantas grutas precisam dessa Luz! Eu, com tantas comodidades, nem consigo imaginar o Cristo dos Oprimidos que mora debaixo da ponte, no passeio das ruas, nas barracas, nas ribeiras... Só quem vive nessas

situações tem autoridade exemplar para falar do Ser peregrino e forasteiro neste mundo! Muitas pregações que saem da boca dos seguidores de Cristo, e que se ouvem por aí, são os deveres cumpridos, mas não espelham a realidade da condição de vida vivida e mergulhada na miséria de muitas pessoas, porque o real é o que se vive e não o que se diz. Ninguém diria o contrário! A verdade do real vive-se no silêncio sepulcral do nosso mundo interior. Que o diga quem conhece a verdade do seu coração!

Nada se pode esconder daquele que nos conhece desde o seio materno. O Cristo dos Oprimidos está sempre visível ou invisivelmente ao nosso lado. Os seus e nossos anjos tomam nota sobre os nossos pensamentos, palavras, atitudes e comportamentos ao longo da nossa existência terrena. É verdade! Ninguém tem o privilégio de julgar, de justificar o bem e o mal que faz ao longo da vida diante dos olhos de Deus. Às vezes, o bem é o mal, e o mal é o bem aos olhos de Deus. Nem sempre o que damos aos outros e o que recebemos dos outros agrada a Deus. Quantas decisões e posições tomadas, quantas intervenções feitas na comunidade, no seio da Igreja, na família e na sociedade que são apenas para resguardarem os nossos interesses económicos, políticos, religiosos, as nossas reputações, imagens e bom nome! Isso é simplesmente o medo de ser comparado, questionado, equiparado e confrontado com o ser dos outros que nos diferencia. Parece que o ser diferente dos outros foi um grande defeito na Igreja, na comunidade e na sociedade! Trata-se de um sentimento maligno que prejudica o povo de Deus e a humanidade toda. Há muitos que têm medo da sombra, do trabalho e da ousadia dos outros! São os que se julgam superiores ou inferiores aos outros. Isso é muito doloroso quando se nota na família, na comunidade, na igreja e noutras instituições religiosas e sociais certas posições marcadas pelo ciúme, inveja e rivalidade. O Cristo dos Oprimidos não precisa dos concorrentes, mas dos crentes.

Ninguém é conselheiro de si mesmo, assim como ninguém é juiz dos outros. A única justificação vem da misericórdia de Deus. Eu sei que a justiça do eterno Pai é severa demais. Não me importa! Acredito mais na sua misericórdia que no seu castigo. O castigo de um pai que ama os seus filhos é sempre salutar e passageiro.

Sim, a justiça de Deus é passageira, mas a sua misericórdia é eterna. É isso que vale para quem acredita e faz da sua crença a morada do seu ser pecador e santo.

Aquilo que gostaria de partilhar com os leitores não deve pôr em causa a raça, a cultura, a religião, a fé e a crença de nenhum ser humano. Prefiro ser ecuménico nessa matéria, procurando contemplar no Cristo dos Oprimidos o homem sofredor de todas as raças e religiões. Além do objeto da minha inspiração, penso que a essência do ser oprimido na história foi a condição humana e religiosa, independentemente da posição social, racial e cultural. Jesus sabe e conhece a minha intenção evangélica, teológica e pedagógica no desenrolar dessa temática. Portanto, a nossa reflexão será apenas um instrumento que indica o caminho da salvação do homem e da mulher que estão mergulhados num mundo embirrado pelas coisas, ideias, pensamentos e ações que não edificam nem dignificam a sua humanidade em Cristo pobre, humilde e obediente.

Colocar-se nu diante do Cristo, nu e crucificado, poderá ser considerado um simples ato de adoração e de contemplação, como também uma vontade genuína de se querer identificar com o ser mais inocente que o planeta terra já viu nascer, viver, sofrer e morrer. Pessoalmente, sinto-me diminuído em identificar-me com este Cristo que tenho entre as mãos, mas Ele, da sua livre vontade e sem quaisquer constrangimentos, quis identificar-se comigo aceitando a minha miséria humana e espiritual e viver os meus angustiantes sentimentos: vergonha, hipocrisia, imbecilidade, infidelidade, etc. Perante essa tamanha generosidade de Deus na nossa vida, não nos resta se não perguntarmos o porquê dessa atitude benéfica de Cristo para connosco. Na verdade, ninguém merece uma milésima parte da misericórdia de Deus. Tudo nos foi dado gratuitamente. Como será possível acreditar num Cristo que se revestiu de toda a nossa precariedade? Às vezes, precisamos ser loucos para aceitarmos a sua tamanha humilhação em relação à nossa vergonhosa miséria.

O ser condescendente com Cristo Jesus não significa que Ele possui a natureza do nosso ser pecador, mas quis mostrar-nos com a sua vida pobre, simples, humilde e frágil aquilo que cada um é

O Cristo dos Oprimidos ensina-nos, silenciosamente, que Ele é um publicano, um judeu, um samaritano, um nazareno, um fariseu, um saduceu, um muçulmano, um católico, um cristão e, ainda, um de todos os excluídos da sociedade e da religião e das igrejas. Ah! Isso revela toda a verdade difícil de acreditar! Estamos perante um Cristo que se identifica com o ser de toda gente no seu todo e não com a parte da nossa visão e do nosso modo de ver, sentir e pensar. Graças a Deus! O nosso Cristo reconhece-se em todos os homens religiosos, pagãos, ateus, agnósticos e céticos.

ISBN: 978-989-9186-18-7



9 789899 186187